



A Blogosfera Cubana: Expectativas e Obstáculos no Caminho da Democratização¹

Leon RABELO²

Resumo

Um dos recentes exemplos de movimento pró-democracia na internet tem sido os blogs cubanos, que têm espalhado suas vozes críticas e em oposição ao governo de seu país, além de defender transformações democráticas em Cuba. O presente trabalho realiza uma leitura do contexto social e político desse movimento, trata de seus obstáculos e vincula seu potencial mobilizatório à sociedade civil cubana como um todo.

Palavras-chave: Cuba; blogosfera; sociedade civil; democratização.

A Blogosfera Cubana

Nos últimos anos, o fenômeno da blogosfera cubana tem atraído a atenção da mídia e opinião pública ocidentais. Constituído por várias dezenas de blogs independentes e ativistas difusamente articulados, sem uma plataforma ou programa político claros, o movimento tem espalhado suas vozes independentes em relação ao governo cubano e alterado a perspectiva e alcance da dissidência política em Cuba.

Em seu conjunto, os blogueiros cubanos têm se tornado um dos exemplos mundiais sobre o potencial – ou as limitações – da resistência política digital a regimes totalitários. Vivendo na carne as agruras de ser oposição numa sociedade fechada e repressiva, eles constituem um laboratório vivo, em pleno curso, e adentram a segunda década do século XXI apostando em novas formas de transformação política e mudança social. Isso num país latino-americano que por motivos históricos únicos esteve enclacrado na maior contenda ideológica da segunda metade do século passado, que ao longo de cinco décadas de governos socialista conquistou indubitáveis avanços no plano social – tais como sistemas públicos de saúde e educação – mas que acabou se isolando

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal de Goiás, e-mail: leon.rabelo@gmail.com



dramaticamente do mundo, quando permaneceu num modelo de desenvolvimento social anacrônico. Hoje, Cuba possui uma população que contraditoriamente tem um dos maiores índices de escolaridade do continente³ e, ao mesmo tempo, um dos menores índices de acesso à internet e novas tecnologias de comunicação do mundo ocidental⁴.

Segundo o site “Comitee to Protect Journalists”, em setembro de 2009, haveriam em Cuba “25 blogs independentes, jornalísticos e regularmente atualizados”, listando “75 outros blogs independentes de conteúdo pessoal e familiar”⁵. Já na página principal do mais conhecido dos blogs cubanos, “Generacion Y”, da blogueira Yoani Sanchez, encontram-se elencados 31 “blogs e sítios de Cuba” e links para 21 outros sites, geralmente de cubanos que residem fora do país, ou ligados à Cuba por suas temáticas, mas igualmente mantidos desde o exterior.⁶

Quanto à repercussão internacional, o “Generación Y” foi listado como um dos 25 melhores blogs de 2009 pela revista estadunidense “Time Magazine”⁷. Recebeu, também, o “Prêmio Ortega y Gasset” de 2008, instituído pelo diário espanhol “El País”, na categoria de “Jornalismo Digital”, sendo que Yoani Sanchez foi impedida de sair de Cuba para receber pessoalmente o prêmio.⁸ Em janeiro de 2009, segundo informações do próprio blog, ele era acessado 14 milhões de vezes por mês, sendo traduzido por voluntários para mais de 17 idiomas.⁹ Seu twitter tinha, em junho de 2010, aproximadamente 60 mil acompanhadores.

Para além das questões políticas imediatas, e tentando evitar ao máximo as controvérsias ideológicas de caráter dicotômico, o presente trabalho tentará levantar alguns apontamentos preliminares sobre o tema e perguntar como ele pode ser pensado dentro da investigação sobre as novas tecnologias de rede e o seu papel num mundo ainda carente de processos democratizantes.

³ **Ucla Journal of Education and Information Studies**, disponível em <http://escholarship.org/uc/item/9569b508> acessado em 10.07.2010

⁴ **Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas**, disponível em: www.internetworldstats.com, consultado em 15.07.2010

⁵ **Comitee to Protect Journalists**, postagem de 10.09.2009, disponível em <http://cpj.org/reports/2009/09/cuban-bloggers-offer-fresh-hope.php> consultado em 01.07.2010

⁶ **Generación Y**: <http://www.desdecuba.com/generaciony/> consultado em 01.07.2010

⁷ **Time Magazine**: http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1879276_1879279_1879300,00.html consultado em 27.06.2010

⁸ **Jornal El País**:

http://www.elpais.com/articulo/sociedad/Gobierno/cubano/bloquea/salida/Yoani/Sanchez/recibir/Premio/Ortega/Gasset/elpepusoc/20080505elpepusoc_7/Tes, postagem de 05.08.2008, consultado em 25.06.2010

⁹ **Wikipaedia**: http://en.wikipedia.org/wiki/Yoani_Sanchez#cite_note-41 consultado em 02.07.2010



Metodologicamente, ele se baseará na recente bibliografia publicada a respeito, no já vasto material de debate encontrado na internet e nas observações e entrevistas pessoais de um recente viagem à Cuba, em junho de 2010.

Cuba após a queda do Muro de Berlim: crise e recuperação

Após perder o apoio político e econômico do bloco socialista, no começo dos anos 90, a sociedade cubana passou por uma profunda crise em todas suas esferas. As estimativas oficiais são de que entre os anos 1989 e 1993 o PIB cubano encolheu nada menos que 35 %, levando a uma quebra de grande parte da estrutura produtiva do país¹⁰. Mais do que uma catástrofe econômica, foi também um processo onde se perdeu um quadro referencial de desenvolvimento. A pureza do modelo de sociedade que Cuba tivera estava agora diluída, junto com a falência do arco de alianças internacional socialistas no qual o país tinha se inserido previamente. Além de provocar profundos impactos econômicos, as conseqüências geraram dramáticas distorções sociais, tendo sua principal causa no fato de que agora Cuba se via na obrigação de estabelecer uma série de concessões, assumidas ou não, à economia de mercado.

A necessidade, por exemplo, de fazer entrar moeda forte no país deu origem a um duplo sistema monetário. De um lado, há a “moeda nacional”, na qual a população cubana recebe seus salários e que é usada no sistema de fornecimento com subsídios estatais. De outro, há um sistema de moeda forte, que primeiro foi o dólar estadunidense e depois o “peso convertível” (CUC)¹¹, usada como moeda corrente numa agora vital atividade econômica para o país: o turismo. A atividade turística, por sua vez, é profundamente contraditória para o modelo de desenvolvimento de um país como Cuba: ao mesmo tempo em que deu uma sobrevida ao seu regime isolado, tornando-se uma importantíssima fonte de recursos, não deixou de abrir o país para o mundo, aumentando o contato entre a população e pessoas de outros países e sistemas sociais.

Além de ser a moeda de todas as transações turísticas, o “peso convertível” é também usado na rede de lojas que vendem produtos considerados não essenciais. Na verdade, qualquer produto ou serviço fora do carente e precário sistema de cotas estatal, é vendido nessa moeda. As únicas maneiras de um cidadão cubano ter acesso a ela é recebê-la de um parente no exterior ou através do contato direto e, em maior ou menor

¹⁰ MESA-LAGO, Carmelo: **A Economia Cubana no Início do século XXI**, in **Opinio Pública**, Campinas, Vol. IX, n.1, 2003, Pgs 190-223

¹¹ RITTER, Archibald R. M., **The Cuban Economy**, Pittsburg, University of Pittsburgh Press, 2004, Pg 52-55



grau, ilícito com os turistas estrangeiros. No sistema de conversão, os melhores salários cubanos chegam ao equivalente de U.\$ 25,00 (25 dólares estadunidenses). Nas lojas especiais, produtos tais como escovas de dente, xampu, CDs, custam aproximadamente o mesmo que custam nos países capitalistas desenvolvidos e são, portanto, inacessíveis a quem só tem como fonte de renda um salário em pesos cubanos. Artigos mais caros, como um computador, custam o equivalente a muitos anos de trabalho de um médico, professor ou engenheiro cubano.

A conseqüência desse processo foi a criação de toda uma sub-cultura de adaptação e subversão da ordem estabelecida. O mercado negro – e toda uma série de práticas de contravenção similares e daí decorrentes, onde a população tenta driblar a barreira da falta de moeda forte – ocupa uma esfera importantíssima do cotidiano em Cuba. Na verdade, há dois sistemas econômicos: um dentro da esfera oficial, onde as práticas são geridas de acordo com as normas governamentais. Ao lado deste, funciona outra lógica, dentro de uma esfera econômica alternativa, que por clandestina e informal que seja, é de fundamental importância para a viabilidade econômica da sociedade cubana como um todo¹².

Após essa primeira fase de ajuste de Cuba à nova realidade mundial, no começo dos anos 90, após medidas tais como a dolarização de sua economia e a permissão de comercialização privada dos excedentes da produção agrícola, alguns acreditaram que o país seguiria na direção de uma abertura econômica e social, integrando-se paulatinamente à economia mundial. Essa expectativa, porém, foi abruptamente interrompida, mais para o final da década, por um recrudescimento da linha dura do regime castrista.¹³ A economia e as práticas informais em Cuba tiveram, portanto, que continuar na clandestinidade. E, portanto, como a estrutura de poder do país quase não reconhece, nem faz qualquer esforço para regulamentar e dar legitimidade a essa segunda esfera, a sociedade cubana continua a padecer de uma crônica clivagem institucional, em relação a qual todos seus processos sócio-culturais têm que se adequar e ajustar.

¹² RIVERA, Mario A.: **Second Economy, Secon Society, and Poltical Control in Cuba: Perspectives from Network and Institutional Economics**, in **Cuba in Transition: Volume 8**, Papers and proceedings of the 8th Annual Meeting of the Association for the Study of the Cuban Economy (ASCE), Miami, Florida, Agosto 6-8, 1998.

¹³ CASTRO, Raul: **Informe del Buró Político en el V. Pleno del Comité Central del Partido**, 23 de Março, 1996. Granma Internacional, Edição de 10.04.1996. Disponível em <http://www.granma.cu/>



A internet em Cuba: uma questão de Estado

Como fica, nesse contexto, as novas tecnologias de comunicação e sua possível função de impulsionar as transformações sociais em Cuba?

Antes que se possa responder a essa pergunta, é necessário acessar estudos recentes que delineiam os processos políticos configuradores da atual conjuntura cubana. Nesse sentido, numa das mais exaustivas análises sobre o papel das novas tecnologias de comunicação nos países em desenvolvimento, bem como os obstáculos e limitações que elas enfrentam em seu possível papel de agentes de transformação social em países totalitários, Bert Hoffmann traça um amplo histórico de como surgiu e se desenvolveu o setor da tecnologia da informação em Cuba, bem como o impacto social e os impasses políticos decorrentes da conexão daquele país com a internet.¹⁴ No caso de Cuba, a análise se direciona no sentido de analisar se a internet e as transformações dela advindas produzem ou não mudanças políticas numa sociedade de estrutura política autoritária.

Assim fica claro que, após interromper a queda-livre econômica do início dos anos 90, Cuba tem conseguido reestruturar vários setores econômicos através de *joint-ventures* com empresas estrangeiras, e entre eles estão os investimentos em infraestrutura tecnológica e de comunicação. Desde os investimentos iniciais nessa área, quando ainda se tratava de conexão com a estrutura tecnológica do bloco socialista, até a oficialização de sua conexão com a internet em 1996, a questão da modernização tecnológica em Cuba tem sido tratada pelo seu governo como, ao mesmo tempo, uma questão de segurança de estado, dentro dos moldes de uma rígida estrutura de partido único, mas também um necessário desafio de modernização e progresso científico, do qual o país não tem como fugir¹⁵.

Essa dubiedade da internet é claramente percebida desde o início pelo governo cubano e pode ser ilustrada com dois exemplos do discurso oficial. Num comício em 1995, Fidel Castro afirmava que

os EUA falam de ‘autopistas da informação’, que são apenas novas formas de fortalecer a ordem econômica, que eles querem impor ao mundo, através da propaganda e a manipulação da mentalidade humana¹⁶

¹⁴ HOFFMANN, Bert : [The politics of the Internet in Third World development: challenges in contrasting regimes with case studies of Costa Rica and Cuba](#), New York, Routledge, 2004.

¹⁵ Idem. Pg. 203

¹⁶ CASTRO, Fidel, apud HOFFMANN, Pg 205.



Já num discurso oficial em 2000, como representante do *politburo* do Partido Comunista Cubano, o então encarregado de questões econômicas, Carlos Lage, afirma que a internet devia ser “aproveitada por seus extraordinários benefícios, e ao mesmo tempo impedida em seus aspectos negativos”¹⁷. A decisão final de conectar Cuba com a internet, ainda nos anos 90, se deu após um período de debate interno no alto comando político do país, sendo que na decisão positiva final pesaram três fatores¹⁸. O primeiro foi a relativa recuperação da economia cubana após a crise do bloco socialista e a perspectiva de que a continuação do modelo social cubano não poderia prescindir de avanços científicos e econômicos, onde a tecnologia desempenharia funções cada vez mais importantes. O segundo fator foi a observação de como países tais como a China estavam implementando avanços tecnológicos sem abrir mão de sua estrutura monolítica de poder. Houve, nesse sentido, várias visitas de alto escalão entre os dois países e transferência de expertise e metodologias entre eles.

O terceiro fator pode ser ressaltado por seu caráter político específico e suas conseqüências diretas sobre as iniciativas de abertura democrática dentro de sociedades fechadas, tais como a cubana. Em termos simples, ele pode ser resumido à seguinte estratégia política, a ser implementada por seus dirigentes: permitir que as inovações tecnológicas penetrem na sociedade e *ao mesmo tempo* aumentar o grau de repressão política sobre esta. Repressão que se dará tanto no âmbito prático das novas tecnologias quanto nos seus arredores sociais. Ou seja, no que for possível, irá se supervisionar o uso, os conteúdos e as funções da internet e, ao mesmo tempo, irá se cercar com especial atenção aqueles grupos sociais que possivelmente irão se organizar ao redor dela.

No caso de Cuba, a expressão dessa linha dura política ocorreu, por exemplo, num posicionamento do *politburo* do Partido Comunista Cubano a partir de 1996, onde num áspero discurso, lido por Raúl Castro, se afirmou que as tendências de abertura em decorrência da então recente flexibilização econômica e a necessidade de reinserir Cuba num novo contexto internacional eram “divisionismo” e “subversão ideológica”. Os defensores daquelas posições dentro dos âmbitos acadêmicos e intelectuais seriam, na verdade, uma “quinta coluna do inimigo” e todo o debate sobre a “sociedade civil” seria um “cavalo de tróia”, cujas reais intenções era a destruição da sociedade socialista¹⁹.

¹⁷ LAGE, Carlos, apud HOFFMANN, Pg 245

¹⁸ HOFFMAN, op. cit. Pg. 205-206

¹⁹ Idem, Pg. 178



A respeito, é lícito se especular se esse tipo de intervenção mais dura – iniciadas na segunda metade dos anos 90, mas com decorrências até a onda repressora de 2003, quando mais de 70 ativistas foram presos e condenados a longas penas por diferentes atividades subversivas – seguem uma mesma lógica de poder. Elas seriam a tentativa de equilibrar as inevitáveis aberturas, decorrentes das razões técnicas e econômicas das novas tecnologias de comunicação, com um necessário fechamento político, imprescindível para a manutenção da estrutura de poder dominante.²⁰

Ao lado desse tipo de ação repressiva direta, há ainda as práticas e metodologias que permitem cercar o uso da internet de dentro de suas próprias práticas e estruturas tecnológicas. Um importante exemplo de como isso pode ser feito é a rede cubana de medicina, a *Infomed – Red de Salud de Cuba*²¹. Criada em 1992, ela é operada pelo Centro Nacional de Informações das Ciências Médicas, ligado ao Ministério da Saúde Pública de Cuba (MINSAP). Financiado inicialmente pelo PNUD – Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e Organização Mundial de Saúde, o sistema logo integrou toda a rede médica cubana, oferecendo recursos de e-mail, “Buletin Board System” (BBS) e mecanismos de busca virtual, promovendo o acúmulo de experiências e informações na área médica²². Hoje, está consolidado numa rede de conexão IP e conecta as principais instituições de saúde cubanas, oferecendo boletins de notícia e comunicando-se com o conjunto de publicações médicas do país. Estruturado como uma *intranet*, o *Infomed* pode ser acessado de forma gratuita e é bastante utilizado por médicos, estudantes e profissionais de saúde não apenas em Cuba, mas também em diversos países de língua espanhola na América Latina.²³

Um dos usos pouco convencionais do *Infomed*, no entanto, é que seus usuários podem usá-lo como uma plataforma de comunicação com a internet, mesmo que de forma limitada. E-mails podem ser mandados e recebidos pelo *Infomed* para qualquer endereço eletrônico na “wide world web”, mas seus recursos de conexão terminam por aí. Não há como seus usuários acessarem sites exteriores de web, nem qualquer um de seus recursos de busca, tais como o Google. Trata-se, portanto, de uma propositada

²⁰ Idem, Pg. 207

²¹ Pode ser acessada em <http://www.sld.cu/>

²² PIÑERO FERNÁNDEZ, Omar: **Infomed, Internet y las bibliotecas médicas cubanas**, in **Acimed**, v.6 n.3, Ciudad de La Habana sept – dec., 1998, disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1024-94351998000300001&lng=es&nrm=iso consultado em 15.06.2010

²³ SÉROR, Ann C., **A Case Analysis of INFOMED: The Cuban National Health Care Telecommunications Network and Portal**, in **Journal of Medical Internet Research**, acessível em <http://www.jmir.org/2006/1/e1/> consultado em 15.06.2010



limitação de escopo de uma rede virtual. Ela atende um propósito importante e inovador de comunicação na área de saúde e exerce assim um papel social amplamente reconhecido como positivo.²⁴ Ao mesmo tempo, limita e cerceia seus usuários e está assim dentro dos parâmetros de controle político por parte do governo cubano, visto que os conteúdos de e-mails particulares são mais facilmente supervisionados que o acesso ilimitado à rede mundial²⁵.

Após mais de uma década e meia, portanto, quem vaticinava que a penetração da internet em sociedades fechadas, tais como a cubana, iria automática e imediatamente significar uma debilitação e até queda de seus regimes autoritários²⁶, tem se decepcionado. Antes, está se conflagrando um amplo e diversificado campo de batalha, em que a internet tem sido usada tanto pela oposição histórica ao governo de Havana – sediada em Miami e que conta com amplo apoio de várias organizações privadas e estatais norte-americanas²⁷ – quanto como um instrumento desse mesmo governo, para promover seu discurso ideológico e suas estratégias e comunicação.²⁸ Exemplo dessa segunda tendência, são as palavras do Coronel Sánchez Villaverde, do *Instituto Tecnológico José Martí*:

Nesse sentido, as novas tecnologias da informação, particularmente a internet, podem representar um importante uso em novas formas de luta. Também nesse campo, temos que confrontar o inimigo que já plantou informação manipulada sobre a nossa realidade nesta e em outras redes informacionais. Sem dúvida, há aí um elemento de equilíbrio do qual podemos nos beneficiar, pois a dependência de recursos materiais é muito menor do que no caso de papel para produtos impressos ou recursos técnicos para a produção e difusão de programas de TV. Na internet nós podemos dizer nossas verdades, que são sólidas, e podemos transmitir a racionalidade, a justiça e a dignidade de nosso socialismo, que são inquestionáveis.²⁹

²⁴ Em 2002 a *Infomed* cubana recebeu, por exemplo, o prêmio sueco “Stockholm Challenge”, para iniciativas inovadoras na área das novas tecnologias de comunicação.

²⁵ DRAKE, William, J., KALATHIL, Shanthi & BOAS, Taylor: **Dictatorships in the Digital Age: Some Considerations on the Internet in China and Cuba**, in **Carnegieimp: the Magazine on Information Impacts**, Outubro, 2000, disponível em: <http://www.carnegieendowment.org/publications/index.cfm?fa=view&id=531#return14>, consultado em 10.07.2010

²⁶ HOFFMANN, op. cit. Pg. 161

²⁷ São exemplos de sites contra o governo : www.cubonet.org, www.corriente.org, www.mclpaya.org

²⁸ São exemplos de sites a favor do governo cubano: www.cuba.cu, www.cubagob.cu, www.pcc.cu, www.che.islagrande.cu, www.cubavsbloqueio.cu

²⁹ VILLAVERDE, apud HOFFMANN, op. cit. Pg. 240



As novas possibilidades de transformação

É dentro desse contexto complexo e incerto que deve ser entendida o surgimento da nova blogosfera cubana. Se ao longo dos anos, a internet tem se tornado gradativamente mais acessível à população de Cuba, não sendo mais objeto de expressa proibição legal, a exclusão digital no país é ainda um problema maior a ser considerado quanto à democratização de sua esfera pública como um todo. A plena liberação da internet para os cidadãos cubanos ainda é uma realidade distante. Segundo o discurso oficial, o grande impedimento não é de ordem política, mas se deve a razões do embargo econômico dos EUA. “Conceitualmente, não há inconvenientes. As restrições são tecnológicas e econômicas”, disse no começo de 2009 o ministro da informática de Cuba, Ramiro Valdés, em entrevista à agência de notícias Reuters.³⁰ De qualquer modo, há hoje em Cuba uma barreira muito simples para a disseminação da internet entre a população: a econômica. Na maioria dos hotéis do país, é possível se acessar a internet, mas a um preço proibitivo para quem não tem acesso a moeda forte.³¹ Cuba tem assim um dos menores índices de acesso à internet da América Latina, estando bem abaixo de países com índices sócio-educacionais bem inferiores. Em 2009, estimava-se que apenas 12% da população cubana tinham algum acesso à internet, contra 31% na República Dominicana, 25% em Porto Rico, e 36% no Brasil.³²

Em decorrência disso, uma das primeiras questões que devem ser colocadas sobre o alcance da nova blogosfera cubana é seu real alcance política dentro de Cuba. É inquestionável que sua repercussão mundial e tem sido grande, e é indubitável o valor e pertinência de suas críticas, mas em que medida o debate que essa blogosfera promove chega ao maior interessado, o povo cubano? Numa entrevista pessoal, em junho de 2010, com um cidadão cubano, que é uma pessoa bem-informada e ativa na produção intelectual e de conteúdos audiovisuais, ele afirmou que jamais lera os textos de Yoani Sanchez, ouvindo falar dela apenas através de seu pai, que residia na Europa. A própria Yoani afirma várias vezes, em seu blog e pelo twitter, que ela opera “às cegas” postando seus escritos sem ter acesso aos comentários que seus leitores lhe respondem e que, da

³⁰ Cf. artigo do site G1, de 10.02.2009, disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL995968-6174,00-PROBLEMAS+ECONOMICOS+IMPEDEM+DIFUSAO+DA+INTERNET+EM+CUBA+DIZ+MINISTRO.html> consultado em 16.06.2010

³¹ Em junho de 2010 a tarifa era de 6 Euros por hora, o que representa cerca de 25% de um salário médio cubano.

³² **Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas**, disponível em: www.internetworldstats.com, consultado em 15.07.2010



mesma maneira, a maior parte dos blogueiros cubanos não tem acesso às suas próprias páginas na internet, apenas conseguindo publicá-las de maneira indireta e via canais irregulares de conexão. Yoani Sanchez chega a formular uma quase contraditória expressão, se dizendo parte de “uma comunidade de internautas sem rede”, no sentido de que a blogosfera cubana publica, mas não tem pleno acesso ao que publica.³³ Talvez esteja aí um dos motivos pelos quais os blogueiros cubanos têm contado com uma relativa tolerância de seu governo: eles não atingem, ainda, porções significativas da população do país.

Não querendo dar respostas precipitadas a toda essa problemática, reconhecendo antes de tudo que ela ainda é um processo em andamento e cujos resultados ainda estão por vir, pode-se ao menos encaminhar aqui algumas apontamentos preliminares.

Particularmente, há que se chamar a atenção para alguns dos recursos que a sociedade civil cubana tem desenvolvido ao longo do tempo e que a permite, se não vencer, ao menos enfrentar a pressão de uma estrutura política fechada. Esses recursos devem ser vistos com um importante complemento à blogosfera e aos fóruns de discussão virtual que eles ensejam.

Aludiu-se, anteriormente, à esfera informal de atividades na qual a imensa parte da população cubana tem que operar em seu cotidiano, para contornar a rigidez e inércia da esfera oficial. Por motivos primordialmente de sobrevivência econômica, essa cultura de resistência acha sua expressão também nos planos culturais e de mobilização social em seus sentidos mais amplos³⁴. Numa sociedade como a cubana, a efetividade das redes de relações e colaboração pessoais se torna de uma importância enorme. Para além da obtenção de favores ou benefícios pessoais, essa prática constitui também uma verdadeira cultura colaborativa que se desdobra nos mais diversos aspectos da vida social, ora assumindo feições políticas e mesmo públicas.

Por exemplo, é um fato corriqueiro em Cuba – relatado em entrevistas pessoais – que a principal forma de transmissão de dados e documentos fora da chancela oficial não se dá mediante o acesso de redes de computador on-line. Em vez disso, as pessoas armazenam dados, documentos e conteúdos digitais em *pen drives*, que assim são levados de computador em computador. Ou seja, uma rede de relações diretas e pessoais é a base para uma rede de transmissão virtual. Por essa rede, passam conteúdos os mais

³³ Conforme os tweets de 15 e 16.07.2010, 18:10 hs, horário de Brasília.

³⁴ KUMMELS, Ingrid: **La cotidianidad difícil. Consideraciones de una etnóloga sobre la crisis y la cultura popular**, in: HOFFMANN, B. (org.): **Cuba: Apertura y reforma económica, Perfil de un debate**, 1995, Caracas, Nueva Sociedad, Pgs. 131-144.



inauditos, tais como videoarte de teor crítico, música punk e rap cubanas com letras cáusticas em relação ao regime, além de textos das mais variadas tendências, formatos e características. Muitos de seus produtos tem o expresso propósito de permanecerem sigilosos e *underground*, pois que sua explicitação chamaria imediatamente a atenção do aparato repressor. Para se ter uma idéia do alcance dessa rede, nas próprias palavras de Yoani Sanchez:

En Cuba vivimos un medioevo comunicativo y tecnológico, lo que pasa es que los cubanos somos muy creativos con todo aquello que está racionado, prohibido, controlado, y eso ha ocurrido con la Internet. Son muy pocos los cubanos que tienen acceso a la red de redes, se calcula que un 10% de la población tiene un acceso no frecuente ni diario, sino espaciado. De todas maneras, **con una persona que se logre conectar a la Internet en Cuba se puede estar informando a 50 ó 100**, porque copiamos en ‘memory flash’, distribuimos copias en CD, nos contamos las noticias por teléfono, **o sea hay un mercado negro de información que funciona eficientemente.** (grifos adicionados)³⁵

Outro exemplo de como a sociedade civil cubana tenta passar ao largo das esferas de controle oficiais é a tendência de publicações diversas, que em sua origem não possuíam finalidade política, assumirem a função de plataformas de debate e encaminhamentos socialmente críticos. Refere-se aqui particularmente às publicações da Igreja Católica, cuja integridade institucional é uma das únicas que não pode ser cooptada pelo governo. Revistas como “Palabra Nueva”, da arquidiocese de Havana³⁶ e a revista “Vital” da diocese de Pinar Del Rio³⁷, dão abrigo a textos de importantes intelectuais cubanos e suas análises sociais. Esse tipo de publicação é lido por um público de interesses bem mais amplos do que os de suas congregações de origem. Lembre-se, próximo a isso, o recente episódio de libertação de presos políticos, em meados de julho, 2010, onde a Igreja Católica teve importante papel interlocutor entre os governos cubano, espanhol e a sociedade civil.

Expressões como essas devem, portanto, ser vistas ao lado da nascente blogosfera cubana, como um importante complemento no funcionamento das redes sociais e na repercussão de suas vozes críticas. Numa relação inversa aos blogs, elas são menos conhecidas fora de Cuba, mas mais conhecidas dentro do país. Mesmo que de forma não organizada, os conteúdos culturais e políticos que passam por essas redes se

³⁵ Entrevista ao jornal espanhol “Diário Nacional”, acessível em <http://blogsdecuba.impela.net/2010/07/diario-espanol-entrevista-a-bloguera-cubana-yoani-sanchez/>

³⁶ Acessível em www.palabranueva.net

³⁷ Acessível em www.vital.org



irmanam às críticas que surgem nos blogs. Juntos, eles podem ser denominadas por um oximoro: formam uma publicidade clandestina, ou uma esfera pública clandestina. Ela atinge ainda uma parcela minoritária, porém significativa, da população cubana e **se não for destruída**, poderá constituir uma base para futuras estruturas democráticas.

Referências bibliográficas

CASTRO, Raul: **Informe del Buró Político en el V. Pleno del Comité Central del Partido**, 23 de Março, 1996. Granma Internacional, Edição de 10.04.1996. Disponível em <http://www.granma.cu/>

DRAKE, William, J., KALATHIL, Shanthy & BOAS, Taylor: **Dictatorships in the Digital Age: Some Considerations on the Internet in China and Cuba**, in **Carnegieimp: the Magazine on Information Impacts**, Outubro, 2000, disponível em: <http://www.carnegieendowment.org/publications/index.cfm?fa=view&id=531#return14>, consultado em 10.07.2010

HOFFMANN, Bert : **The politics of the Internet in Third World development: challenges in contrasting regimes with case studies of Costa Rica and Cuba**, New York, Routledge, 2004.

KUMMELS, Ingrid: **La cotidianidad difícil. Consideraciones de una etnóloga sobre la crisis y la cultura popular**, in: HOFFMANN, B. (org.): **Cuba: Apertura y reforma econômica, Perfil de un debate**, 1995, Caracas, Nueva Sociedad, Pgs. 131-144.

MESA-LAGO, Carmelo: **A Economia Cubana no Início do século XXI**, in **Opinio Pública**, Campinas, Vol. IX, n.1, 2003, Pgs 190-223

PIÑERO FERNÁNDEZ, Omar: **Infomed, Internet y las bibliotecas médicas cubanas**, in **Acimed**, v.6 n.3, Ciudad de La Habana sept – dec., 1998, disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1024-94351998000300001&lng=es&nrm=iso consultado em 15.06.2010

RITTER, Archibald R. M., **The Cuban Economy**, Pittsburg, University of Pittsburgh Press, 2004, Pg 52-55

RIVERA, Mario A :**Second Economy, Secon Society, and Poltical Control in Cuba: Perspectives from Network and Institutional Economics**, in **Cuba in Transition: Volume 8**, Papers and proceedings of the 8th Annual Meeting of the Association for the Study of the Cuban Economy (ASCE), Miami, Florida, Agosto 6-8, 1998.

SÉROR, Ann C., **A Case Analysis of INFOMED: The Cuban National Health Care Telecommunications Network and Portal**, in **Journal of Medical Internet Research**, acessível em <http://www.jmir.org/2006/1/e1/> consultado em 15.06.2010

Websites Consultados:

Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas:
www.internetworldstats.com,

Generación Y: <http://www.desdecuba.com/generaciony/>

Globo.com: www.g1.globo.com/Noticias/Tecnologia



Infomed - Red de Salud de Cuba: www.sld.cu

Jornal El País: www.elpais.com

Palabra Nueva: www.palabranueva.net

Time Magazine: www.time.com

Twitter de Yoani Sanchez: <http://twitter.com/yoanisanchez>

Vitral: www.vitral.org

Wikipaedia: www.wikipedia.org